

GOOGLE FOR EDUCATION: UMA DEMANDA PRODUZIDA PARA A EDUCAÇÃO PÚBLICA CATARINENSE

Éverton Vasconcelos de Almeida

Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina (SED-SC)

everton@sed.sc.gov.br

Resumo: Em junho de 2016, a Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina anunciou, pela primeira vez, a realização de uma inédita parceria entre Estado e a empresa Google, para a realização do Projeto *Google for Education*. O artigo analisa essa política de integração de TDIC ao currículo por uma perspectiva crítica. Os dados empíricos são fruto de pesquisa em nível de doutorado, que empregou uma abordagem qualitativa, produzida por meio do estudo de caso e análise de conteúdo para tratamento dos dados. Argumenta-se que o referido projeto foi uma demanda produzida, desenvolvido sem que se tivesse clareza de seus impactos na aprendizagem e que fez avançar a lógica neoliberal na educação pública, buscando formar sujeitos na lógica da concorrência e empreendedorismo.

Palavras-chave: TDIC. Currículo. *Google for Education*. Educação Básica. Santa Catarina.

1. INTRODUÇÃO

O acirramento das políticas neoliberais, iniciadas na década de 1980 e com franca expansão nas décadas seguintes, foi acompanhado pelo avanço das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC). Uma nova discursividade passou a operar nos currículos escolares, naturalizando lógicas de mercado, a partir de conceitos como os de inovação e empreendedorismo (Costa, 2009; Almeida, 2021; Almeida; Margalef; Pich, 2023).

As tecnologias digitais foram gradativamente aprimoradas de tal modo que, na vida contemporânea, esse fenômeno é visto com certa naturalidade. Parece não haver possibilidade de distanciar-se dos processos de digitalização da vida (Sibilia, 2015; Lemos, 2021) ou dos dispositivos de controle da produção. Exige-se que o trabalhador esteja inserido nas redes digitais, operando uma racionalidade técnica voltada à conformação do sujeito concorrencial e empreendedor de si mesmo (Candiotto, 2016;



Foucault, 2008; Gadelha 2013). A educação, portanto, ficou no centro desse processo.

Os governos promoveram políticas de integração das TDIC ao currículo. No entanto, os primeiros movimentos de integração foram frustrados por conta da complexidade da educação pública brasileira, fortemente marcada pelas desigualdades sociais e problemas estruturais das escolas.

O objetivo deste artigo é analisar a política de integração de TDIC ao currículo da educação básica e seus desdobramentos, tendo como recorte o Projeto *Google for Education* (GfE), desenvolvido pela rede pública estadual de Santa Catarina, entre os períodos de 2016 a 2019. O Projeto GfE foi realizado por meio da assinatura de Termos de Parceria entre o Estado e empresas privadas, representantes locais dos serviços de tecnologias digitais da empresa *Google*.

Os dados empíricos aqui apresentados são fruto de uma pesquisa em nível de doutorado, que empregou em sua metodologia uma abordagem qualitativa (Severino, 2007; Denzin; Lincoln, 2006), desenvolvida por meio do estudo de caso (Meirinhos; Osório, 2010; Yin, 2001), que empregou a análise de conteúdo (Bardin, 2011; Franco, 2012) para tratamento dos dados. Foram examinadas 52 notícias midiáticas publicadas no portal da Secretaria de Estado da Educação (SED-SC) recolhidas entre 2016 e 2019.

2. CURRÍCULO E A CULTURA DIGITAL NO CAPITALISMO NEOLIBERAL DE PLATAFORMAS

O processo de integração de TDIC ao currículo está marcado pela permeabilidade da Cultura Digital. Nos processos educativos do século XXI, o foco não está na transmissão dos conteúdos, e sim forma como os estudantes interagem com os conteúdos. Destacam-se as diferentes formas de aprendizagem, construída, compartilhada e desenvolvida de maneira colaborativa, de acordo com contextos e significações de diferentes setores, indivíduos e coletivos.

O uso cotidiano das mídias digitais é mais um elemento que impactou fortemente os currículos escolares, produzindo alargamentos que ultrapassam a prescrição curricular (Gimeno Sacristán, 2013; Sampaio; Coutinho, 2015). As tecnologias digitais, como



linguagem que são, interferem e transformam substancialmente a forma de estruturar o pensamento, influenciando o currículo de modo direto ou indireto. “As TDIC são instrumentos culturais de representação do pensamento humano e de atribuição de significados pelas pessoas que interagem e desenvolvem suas produções por meio delas” (Almeida, 2014, p. 25). Os artefatos da Cultura Digital passam a ser estruturantes do pensamento, influenciando nas práticas educativas escolares e no currículo.

Esse fenômeno se tornou mais intenso ao longo da primeira década do século XXI, quando vigorou um caráter participativo na mídia de massas e os espectadores e internautas passaram a interferir mais diretamente na produção e circulação da informação, fenômeno denominado de Cultura da Convergência (Coelho; Almeida, 2015; Jenkins, 2009; Jenkins; Green; Ford, 2014). O currículo escolar foi tensionado à medida que a internet possibilitou um maior acesso à informação. Por meio de um grande volume de informação em circulação, estabelece-se a lógica de consumo e concorrência, em um processo de disciplinamento do tecido social “cuja a função era obrigar os indivíduos a governar a si mesmos, sob a pressão da competição, segundo os princípios do cálculo maximizador e uma lógica de valorização do capital” (Dardot; Laval, 2016, p. 193).

Vimos as grandes corporações de tecnologias digitais ocupando espaços significativos nas políticas públicas de Estado, com o intuito de integrar as TDIC ao currículo, forçando processos de subjetivação mediante a formação de professores. Ampliaram-se os processos formativos, expondo os sujeitos a uma exigência constante de aprimoramento. A racionalidade neoliberal conduz os sujeitos-empresas a competirem entre si, sob pena de não sobreviverem no mercado de trabalho pautado pela concorrência. Rapidamente outra lógica de acumulação surgiu, agora voltada aos dados e metadados (Zuboff, 2018) educacionais. Conforme Almeida, Margalef e Pich (2023):

O momento atual do capitalismo é centrado na lógica das plataformas digitais, o que define novos modos de produção da subjetividade. As Big Five, como têm sido chamadas as maiores empresas de tecnologia digital, Facebook (hoje Metaverso), Amazon, Microsoft, Apple e Google (hoje Alphabet) (também conhecidas pela sigla GAFAM, formada pela primeira letra de cada palavra) constituem um conglomerado de corporações que aglutina a maior produção de tecnologia do mundo, movimentando cifras exorbitantes e, afetando e moldando a vida de bilhões de indivíduos-consumidores ao redor do

mundo.

Nesse cenário, a educação pública foi ocupada por toda sorte de projetos de integração das tecnologias, promovido por grandes corporações do mercado, demonstrando que a escola não perdeu seu papel institucional central na sociedade. O avanço neoliberal sobre a educação é mais evidente com a entrada das grandes corporações do mercado digital, com destaque para a empresa *Google* (Educação Viglada, 2021).

Nesse contexto neoliberal, a educação pública catarinense foi capturada por meio da integração dos *e-mails* institucionais aos serviços *Google*, e o Projeto GfE se consolidou na SED-SC como uma política de vigilância a longo prazo (Almeida, 2021). Mas como isso aconteceu?

3. *GOOGLE FOR EDUCATION* NA EDUCAÇÃO DE SANTA CATARINA

Em 2016, a SED-SC divulgou a realização de um projeto de integração de TDIC ao currículo por meio de uma inédita parceria público-privada que se realizaria com a empresa *Google*. Denominado *Google for Education*, o projeto foi “fruto de uma parceria entre a Secretaria de Estado da Educação com a QiNetwork”, empresa que detinha os direitos de representar a *Google* em suas iniciativas educacionais no estado de Santa Catarina (SED-SC, 2016).

Parra *et al.* (2018, p. 66) destacam que, “desde a última década, ocorre um conhecido processo de hiperconcentração de infraestruturas e de dados informacionais nas mãos de poucas empresas, [...] que se tornaram intermediárias poderosas de nossa vida digital” a partir de aplicativos e os *softwares* embarcados em smartphones e computadores. A *Google*, como uma dessas grandes empresas GAFAM (Almeida; Margalef; Pich, 2023; Parra *et al.*, 2018; Smyrniaios, 2016), passou a integrar a política pública educacional voltada à integração de tecnologias digitais ao currículo do estado de Santa Catarina, sendo apresentada como uma parceira estratégica.

Ao longo dos anos de 2016 e 2017, foi realizada uma campanha midiática forte, em que a SED-SC utilizou seu portal oficial para divulgar notícias em prol da adoção de produtos *Google*. A análise das publicações no portal oficial da SED-SC revelou que não houve

uma unidade de comunicação em torno do título do projeto GfE. Para divulgar as ações, foram utilizados diferentes modos de mencioná-lo, tais como “Programa Google para Educação”, “Programa Google for Education”, Programa Google pela Educação”, “Google for Education na Rede Pública” e “Projeto Google for Education”, sendo este último adotado como nome oficial da política pública. Como exemplo, temos o título da notícia publicada em 1.º de novembro de 2016, “Interação na escola e compreensão de conteúdos são incentivados pelo Google pela Educação” (Marthendal, 2016). Em outra notícia, mencionou uma atividade formativa que introduziu “algumas ferramentas do programa Google para Educação” (Benetti, 2016).

A pesquisa demonstrou que as publicações no portal da SED apresentaram algumas características comuns entre si. Os textos abordavam os cursos de formação de professores para os usos dos produtos da Google, comentários dos participantes desses cursos sobre os benefícios que eles possibilitariam às escolas, seguidos da menção a alguns usos pedagógicos de modo muito *en passant*. A análise revelou que havia a necessidade de difusão dos recursos e inexistia uma demanda orgânica da comunidade de professores e estudantes pelo uso dos produtos da empresa Google. O Projeto GfE foi uma demanda produzida para que a rede pública estadual fosse pioneira, ainda que não se tivesse clareza do que isso realmente significaria em matéria de impacto na aprendizagem.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o desenvolvimento do Projeto GfE na rede pública estadual catarinense, observaram-se discursos de melhoria da educação pública a partir da integração de TDIC ao currículo. No entanto, a realização de tal projeto apresentou sérios problemas infraestruturais, fruto de políticas de austeridade que ocuparam a agenda nacional no período de 2016 a 2019, e que demonstraram bem o interesse das empresas privadas em estabelecer parcerias com as redes públicas de educação, a despeito dos interesses dos professores e estudantes das escolas. As parcerias entre Estado e empresas foram criadas e, ao menor sinal de dificuldade, as empresas abandonaram a parceria. No caso da empresa parceira da SED-SC, amplamente propagada como a única representante da



Google em Santa Catarina, assim que a integração das contas de *e-mail* se realizou, a parceria foi desfeita.

Os professores entram no foco da formação que pretendeu desenvolver sujeitos com base na governamentalidade neoliberal. Já não é necessário controlar os corpos, mas gerir as mentes (Dardot; Laval, 2016), privatizar as subjetividades e controlar a formação de trabalhadores fundidos na lógica de competição, em que os interesses são conduzidos por meio da circulação de informação via tecnologias digitais, para formas cada vez mais aperfeiçoadas de espoliação da força de trabalho.

Ao concentrar a análise da complexidade presente na integração das tecnologias digitais ao currículo escolar, a começar pelo constante entusiasmo com as TDIC e a ausência reflexiva dos impactos de tais integrações, problematizou-se a narrativa corporativa que tem ocupado o Estado, privatizando a educação por meio da formação de professores, ao desenvolver formas de subjetivação que se caracterizam pelo empreendedorismo neoliberal.

Contudo, diante da complexidade inerente à educação, faz-se necessário produzir a resistência por dentro dos sistemas de ensino, a fim de garantir uma educação que privilegie os interesses públicos. Por mais pervasivos que sejam os processos de subjetivação forjados pelo capitalismo neoliberal do século XXI, é preciso resistir e tomar para si a integração das tecnologias digitais.

O desafio que se apresenta à formação de professores e à formação dos jovens estudantes do ensino básico é a de, em meio à forte influência das corporações que ocupam as políticas governamentais, buscar formas de resistir, de se manter na vigilância epistemológica para oportunizar a leitura crítica capaz de enfrentar o falso heroísmo empreendedor. Estando cada um de nós diluídos no erodido terreno do espetáculo do eu, seremos capazes de resistir?

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Éverton Vasconcelos de. **“Quando você se torna um educador Google”**: integração de tecnologias digitais ao currículo da Educação Básica como estratégia

neoliberal. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021. Disponível em: <https://tede.ufsc.br/teses/PEED1607-T.pdf>. Acesso em: 23 set. 2023.

ALMEIDA, Éverton Vasconcelos de; MARGALEF, Ferran Sánchez; PICH, Santiago. Educação e plataformas digitais: formação do sujeito empreendedor na era do capitalismo neoliberal. In: BRITES, Liara Saldanha *et al.* (ed.). **Estratégias biopolíticas do hoje e a produção de sujeitos**: interfaces entre tecnologias na educação e na saúde. São Paulo: Pimenta Cultural, 2023. Disponível em: <https://www.pimentacultural.com/livro/estrategias-biopoliticas>. Acesso em: 23 set. 2023.

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. Integração, currículo e tecnologias: concepção e possibilidades de criação de *web* currículo. In: ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de; ALVES, Robson Medeiros; LEMOS, Silvana Donadio Vilela (ed.). **Web currículo**: aprendizagem, pesquisa e conhecimento com o uso de tecnologias digitais. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2014. p. 22-40.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BENETTI, Glauco. Regional de Seara realiza formação continuada para Educação na Era Digital. **Portal da Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina**, 2016. Disponível em: <http://www.sed.sc.gov.br/imprensa/noticias/27302-regional-de-seara-realiza-formacao-continuada-sobre-ferramentas-para-educacao-na-era-digital>. Acesso em: 1.º ago. 2017.

CANDIOTTO, Cesar. Sujeito, agonística e seus desdobramentos políticos no pensamento de Michel Foucault. In: NALLI, Marcos; MANSANO, Sonia Regina (org.). **Michel Foucault**: desdobramentos. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. p. 29-39.

COELHO, Isabel Colucci; ALMEIDA, Éverton Vasconcelos de. Cultura da participação e da convergência na Copa do Mundo Fifa 2014: um estudo a partir de imagens compartilhadas no Twitter. **Motrivivência**, v. 27, n. 45, p. 138-153, 14 set. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2015v27n45p138>. Acesso em: 23 set. 2023

COSTA, Sylvio de Sousa Gadelha. Governamentalidade neoliberal, teoria do capital humano e empreendedorismo. **Educação & Realidade**, v. 34, n. 2, 23 jul. 2009. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/8299>. Acesso em: 23 set. 2023

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

EDUCAÇÃO VIGIADA. **Educação Viglada**: Educação, privacidade e direitos digitais.



Belém, 2021. Disponível em: <https://educacaovigiada.org.br/>. Acesso em: 5 fev. 2021

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**: curso dado no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de conteúdo**. 4. ed. Brasília: Líber Livro, 2012. v. 6.

GADELHA, Sylvio. Empresariamiento de la sociedad y el gobierno de la infancia pobre. **Revista Colombiana de Educación**, n. 65, p. 215-238, 8 mar. 2013. Disponível em: <https://revistas.pedagogica.edu.co/index.php/RCE/article/view/2189>. Acesso em: 23 set. 2023.

GIMENO SACRISTÁN, José. O que significa o currículo? In: GIMENO SACRISTÁN, José (org.). **Saberes e incertezas sobre o currículo**. Porto Alegre: Penso, 2013. p. 16-35.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

JENKINS, Henry; GREEN, Joshua; FORD, Sam. **Cultura da conexão**: criando valor e significado por meio da mídia propagável. São Paulo: Aleph, 2014.

LE MOS, André. Dataficação da vida. **Civitas – Revista de Ciências Sociais**, v. 21, p. 193-202, 18 out. 2021. Disponível em: <http://www.scielo.br/j/civitas/a/myyQrGW4s9LnCDJDVRyyF8s/?lang=pt>. Acesso em: 23 Set. 2023

MARTHENDAL, Thiago. Interação na escola e compreensão de conteúdos são incentivados pelo Google pela Educação. **Portal da Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina**, 2016. Disponível em: <http://www.sed.sc.gov.br/imprensa/noticias/27631-interacao-na-escola-e-compreensao-de-conteudos-sao-incentivados-pelo-google-pela-educacao>. Acesso em: 1.º ago. 2017.

MEIRINHOS, Manuel; OSÓRIO, António. O estudo de caso como estratégia de investigação em educação. **EDUSER: Revista de Educação**, v. 2, n. 2, p. 49-65, dez. 2010. Disponível em: <https://www.eduser.ipb.pt/index.php/eduser/article/view/24>. Acesso em: 23 set. 2023.

PARRA, Henrique; CRUZ, Leonardo; AMIEL, Tel; MACHADO, Jorge. Infraestruturas, economia e política informacional: o caso do *google suite for education*. **Mediações – Revista de Ciências Sociais**, v. 23, n. 1, p. 63-99, 6 jul. 2018. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/32320>. Acesso em: 23 set. 2023.

SAMPAIO, Patrícia Alexandra da Silva Ribeiro; COUTINHO, Clara Pereira. O professor como construtor do currículo: integração da tecnologia em atividades de aprendizagem de matemática. **Revista Brasileira de Educação**, v. 20, n. 62, p. 635-661, set. 2015.

Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-24782015000300635&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 23 set. 2023.

SED-SC – SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DE SANTA CATARINA. Google for Education. **Portal da Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina**, 2016. Disponível em: <http://www.sed.sc.gov.br/servicos/programas-e-projetos/16985-google-for-education>. Acesso em: 27 nov. 2017.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SIBILIA, Paula. La digitalización de la vida. **Revista Tema (uno) #5: máquina**, n. 5, p. 15-21, set. 2015. Disponível em: <https://editorial.unipe.edu.ar/revista-tema-uno/numero-5-maquina>. Acesso em: 23 set. 2023.

SIBILIA, Paula. “Você é o que Google diz que você é”: a vida editável, entre controle e espetáculo. **Intexto**, n. 42, p. 214-231, 25 abr. 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/75091>. Acesso em: 23 set. 2023.

SMYRNAIOS, Nikos. L’effet GAFAM : stratégies et logiques de l’oligopole de l’internet. **Communication & langages**, v. 188, n. 2, p. 61–83, 2016. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-communication-et-langages1-2016-2-page-61.htm>. Acesso em: 23 set. 2023.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ZUBOFF, Shoshana. *Big other*: capitalismo de vigilância e perspectivas para uma civilização da informação. In: BRUNO, Fernanda *et al.* (org.). **Tecnopolíticas da vigilância**: perspectivas da margem. São Paulo: Boitempo, 2018. p. 17-68. (Coleção Estado de sítio.)